

PROGRAMA
DE EDUCAÇÃO
MIDIÁTICA
*Instituto
Palavra Aberta*

5 CONTRI— BUIÇÕES DA EDUCAÇÃO MIDIÁTICA À CONVIVÊNCIA E À PAZ

Mariana Ochs e Daniela Machado
EducaMídia / Instituto Palavra Aberta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ochs, Mariana

5 contribuições da educação midiática à
convivência e à paz [livro eletrônico] / Mariana
Ochs, Daniela Machado. -- São Paulo : Instituto
Palavra Aberta, 2023. -- (Biblioteca Eucamídia)
PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-991778-9-7

1. Convivência 2. Cultura de paz 3. Educação -
Brasil 4. Mídia social I. Machado, Daniela.
II. Título. III. Série.

23-164565

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Cultura de paz : Educação 370.115

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



BIBLIOTECA EDUCAMÍDIA

5 CONTRI— BUIÇÕES DA EDUCAÇÃO MIDIÁTICA À CONVIVÊNCIA E À PAZ

Mariana Ochs e Daniela Machado
EducaMídia / Instituto Palavra Aberta



Discurso de ódio, abusos em relação à liberdade de expressão, violações de direitos e outros fenômenos negativos vêm atingindo em cheio a sociedade brasileira e, infelizmente, contaminando também o ambiente escolar, em episódios que vão desde o desrespeito individual a colegas ou professores até agressões físicas. A violência — seja ela retórica ou física — precisa ser enfrentada com urgência, e a educação tem um papel fundamental a cumprir.

Naturalmente, ao se sentir ameaçada, a comunidade tende a exigir medidas visíveis de segurança, como policiamento ostensivo e barreiras físicas. Mas a eficácia dessas medidas é sabidamente limitada, e até mesmo controversa, podendo ameaçar a integridade de alunos e professores em áreas de conflito e até contribuir para a escalada de reações violentas de determinados indivíduos frente a um clima não-acolhedor.

É inegável que a escola precisa ter procedimentos claros para enfrentar qualquer tipo de distúrbio em seu dia a dia, que regulam desde o acolhimento pela equipe interna e ações pedagógicas até o momento apropriado para acionar agentes externos de segurança ou saúde. No entanto, a construção de uma cultura de paz de forma perene significa enfrentar um problema enraizado e passa, necessariamente, pela sala de aula, abraçando temas que vão desde o universo midiático até questões socioemocionais.

Construir um ambiente pacífico significa implementar na cultura escolar mecanismos para o diálogo permanente e a construção de consensos; a possibilidade de convivência e acolhimento por meio da valorização (e não só aceitação) das diferenças com prática diária; e a criação de um senso de comunidade e pertencimento em torno do bem comum. A escola precisa fomentar a construção de um ambiente acolhedor e saudável dentro e fora da internet, em que os estudantes tenham espaço para o diálogo e protagonismo na prevenção e solução de conflitos.

Para isso, é importante que os educadores estejam prontos para incentivar um consumo mais saudável de mídias e discutir nossa responsabilidade coletiva nos ambientes de comunicação; falar sobre um contínuo que vai do uso de retórica ameaçadora e desrespeitosa nos grupos de mensagens e redes sociais e acaba em violência física; discutir de que maneira ambientes online criam câmaras de eco que reforçam comportamentos doentios;

analisar criticamente a cobertura da imprensa frente a episódios de violência; e ensinar que nossas vulnerabilidades e medos podem ser o gatilho para o compartilhamento de boatos e desinformação.

Esse conjunto de temas está diretamente conectado com a educação midiática, e pode ser trabalhado em todas as áreas do conhecimento, de maneira transversal, visando uma ação preventiva e perene de enfrentamento à violência.

Cultura digital e a BNCC

O exame crítico da cultura digital e o desenvolvimento de habilidades midiáticas estão previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e são, portanto, política pública. A educação para o uso consciente, ético e saudável das mídias pode ser incorporada ao currículo das escolas e redes de ensino, de maneira transversal em todas as disciplinas, não somente para reconhecer e combater discurso de ódio, mas também para discutir desinformação, mensagens persuasivas e questões de representação.

Além disso, compreender as linguagens próprias das redes sociais abre espaço para seu uso mais fortalecedor, qualificado e saudável — seja com a criação de conteúdo audiovisual, de campanhas de utilidade pública, do uso de hashtags que promovam uma causa ou qualquer outra mobilização social pelo uso das mídias.

Estabelecer uma relação mais consciente com as ferramentas digitais e dar aos estudantes a chance de integrar o conhecimento construído na escola com possibilidades reais de atuação na sociedade são caminhos para enfrentar a violência, vislumbrar a possibilidade de construir novos futuros e consolidar uma cultura de paz.

A proibição do uso de dispositivos conectados à internet nos contextos educativos, ou do uso de redes sociais, pode parecer uma solução adequada para responsáveis angustiados diante de tantos desafios, inclusive o do uso excessivo das telas. Porém, isso significa ignorar que pré-adolescentes e adolescentes já estão expostos ao que a internet e as redes sociais têm de melhor e de pior, sem que necessariamente estejam preparados para fazer essa distinção.



Educar é lento e trabalhoso, mas talvez seja a solução mais efetiva diante daquilo que parece um caminho sem volta: a influência de novas tecnologias digitais na maneira como nos comunicamos e interagimos com o mundo.

Neste material, você encontra 5 contribuições da educação midiática à cultura de paz: **1. Consumo qualificado e responsável de informações;** **2. Responsabilização frente ao bem-estar coletivo;** **3. Ampliação dos letramentos para fazer frente a novos fenômenos sociais;** **4. Participação ética, inclusiva e fortalecedora nas redes sociais;** **5. Construção de espaços permanentes de autoexpressão e diálogo.**

A seguir, detalhamos cada uma dessas contribuições e, na sequência, indicamos cinco propostas de atividades para serem aplicadas por docentes da Educação Básica.



1

CONSUMO QUALIFICADO DE INFORMAÇÕES

A produção descentralizada de informações, bem como a abundância de canais e plataformas pelas quais elas circulam, pode por vezes nos tornar prisioneiros de um ciclo de notícias frenético, em que a atualização é constante mas nem sempre confiável. Em momentos, de crise, especialmente, a expectativa do público por informações em tempo real somada à disputa por audiência por parte de veículos e comunicadores podem resultar em uma cobertura ininterrupta que, embora pouco acrescente aos fatos, gera um estado de ansiedade e dificulta a percepção clara dos contornos e dimensões do problema.

Agravando a situação, temos o fato de que, em meio a esse fluxo intenso de notícias, encontramos também informação de pouca qualidade – seja ela resultante da falta de contexto ou pressa da divulgação, ou da atuação de pessoas que buscam, deliberadamente, disseminar desinformação. Boatos, mentiras, conteúdos fora de contexto ou sem evidências sempre existiram. A diferença, atualmente, está na velocidade com que circulam e no

número de pessoas que podem alcançar: com as redes sociais, uma mensagem alarmista e pouco informativa pode ser compartilhada milhares de vezes em poucas horas.

Em momentos em que a ação calma e coletiva seria mais necessária, esse contexto dificulta a construção de consensos e cria um ambiente fértil para a atuação de agentes mal-intencionados.

A educação midiática promove um consumo mais qualificado de informações, na medida em que nos habilita a verificar a veracidade das mensagens e a confiabilidade das fontes. Também nos permite escolher com mais critério como vamos construir nosso entendimento de situações complexas, equilibrando quantidade e qualidade não só para obter conhecimento mais qualificado, mas também para evitar o ciclo de ansiedade gerado pelo consumo excessivo e pouco reflexivo de informações.



2

RESPONSABILIZAÇÃO FRENTE AO BEM-ESTAR COLETIVO

A desinformação pode ter consequências gravíssimas em nossas vidas, tumultuando processos eleitorais e prejudicando o enfrentamento de crises coletivas, como desastres naturais ou problemas de saúde pública. Mas também em outras áreas, como a da segurança pública, a desordem no ambiente informacional pode ter consequências sérias. Tratar a informação sem o rigor necessário pode gerar pânico, insegurança e decisões equivocadas.

Boatos muitas vezes resultam da disseminação de informações imprecisas ou fora de contexto. Mas também são criados intencionalmente para aproveitar as vulnerabilidades de determinados públicos, explorando seus medos e manipulando emoções. A sensação de pânico resultante dessas ações é, em si, uma forma de violência; mentiras e boatos podem colocar em xeque o bem-estar e a tranquilidade de comunidades inteiras, turvando sua capacidade de tomar decisões que favoreçam o bem-estar coletivo. E, é claro, a desinformação pode também causar perseguição, danos

materiais ou até violência física a determinados grupos ou indivíduos.

Em última instância, precisamos entender que a circulação de desinformação viola os direitos humanos, e que todos somos responsáveis nesse ambiente: como leitores críticos que identificam a desinformação e atuam para brecá-la e como produtores conscientes que se expressam a partir de conteúdos confiáveis, éticos e respeitosos.

Boatos muitas vezes resultam da disseminação de informações imprecisas ou fora de contexto. Mas também são criados intencionalmente para aproveitar as vulnerabilidades de determinados públicos.



3

LETRAMENTOS PARA NOVOS FENÔMENOS SOCIAIS

A educação para a informação precisa ser constantemente atualizada para acompanhar as transformações nos ambientes tecnológico e social da comunicação. Novos desenvolvimentos tecnológicos sempre irão impor novos desafios, que não são apenas ferramentais; afinal, estamos tratando de ambientes cujo funcionamento é determinado, em parte, por características técnicas e decisões de engenharia e, em parte, pelo comportamento dos próprios usuários.

Nesse sentido, cada transformação requer o desenvolvimento de um olhar crítico para seus desdobramentos; e, mais do que isso, requer explorar a possibilidade de atuar mais proativamente para mitigar eventuais impactos negativos. Conhecer os mecanismos por meio dos quais a informação chega até nós inclui alguns aspectos do letramento algorítmico, como:

— Explorar como funcionam os mecanismos de recomendação de

conteúdos (essencial para entender que o que vemos na rede é um recorte da realidade, determinado por nossos contexto, relações e comportamentos anteriores);

— Entender os fenômenos que atuam sobre o engajamento nas redes, observando como algumas características funcionais do ambiente digital impactam a circulação de informações positivas ou negativas;

— Identificar os mecanismos que relacionam isolamento social e radicalização em grupos nas redes sociais, impulsionados pela dinâmica de recomendação de informações e alimentado pelo compartilhamento de memes e imagens com retórica violenta.

O ensino de computação vem sendo vinculado à formação para o trabalho, e às novas demandas profissionais do século XXI. A educação midiática nos leva a olhar também para o enfoque sócio-histórico, analisando a computação pela lógica da convivência social, da cidadania e da democracia.



4

PARTICIPAÇÃO ÉTICA, INCLUSIVA E FORTALECEDORA NAS REDES SOCIAIS

O avanço da tecnologia, como já vimos, expande as possibilidades de comunicação, gerando cada vez mais opções de interação e participação nos debates públicos – mas também abrindo espaço para fenômenos negativos. Contamos com a educação midiática para minimizar esses riscos e maximizar as oportunidades.

A liberdade de expressão, um direito essencial previsto na Constituição, não significa salvo-conduto para

Entender o alcance e as consequências das mensagens que produzimos e compartilhamos é um dos pontos de partida para a construção de uma cultura de paz.

qualquer tipo de comportamento; desrespeitar, excluir ou difamar indivíduos ou grupos pode até, em diversos casos, ser considerado um crime. Um olhar inclusivo para a comunicação nos ajuda a entender que a retórica violenta e/ou discriminatória pode começar de maneira localizada e aparentemente inofensiva, sob a forma de posts, piadas e memes desrespeitosos que perpetuam preconceitos ou reforçam desigualdades – e que, portanto, violam direitos. Entender o alcance e as consequências das mensagens que produzimos e compartilhamos é um dos pontos de partida para a construção de uma cultura de paz.

Além disso, é importante atuar proativamente na escola para ressignificar as redes como espaço de conexão e participação, e não de isolamento. Ao promover as habilidades de autoexpressão ética e responsável, a educação midiática reconhece a internet como um território que os jovens têm o direito de ocupar, não só para demonstrar seus aprendizados, mas também para expressar anseios e agir pela transformação de suas realidades.



5

CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS PERMANENTES DE AUTOEXPRESSÃO E DIÁLOGO

Em que pese os desafios da era digital, a democratização das ferramentas e dos ambientes de comunicação representa uma oportunidade ímpar para que os jovens possam examinar de forma crítica e proativa as suas realidades, engajando-se na construção de outros futuros e comunicando para audiências reais.

A violência escolar é um problema complexo e multifacetado que afeta muitos locais do Brasil, especialmente áreas de baixa renda e com alta desigualdade social. Projetos de educomunicação e comunicação popular têm sido cada vez mais utilizados como estratégias eficazes de enfrentamento à violência escolar, envolvendo alunos, professores, pais e a comunidade local em um processo de conscientização e empoderamento e atuando no sentido de promover o protagonismo do jovem na prevenção de conflitos e na manifestação de suas próprias necessidades e desejos.

Por meio desses projetos, os alunos podem aprender sobre direitos humanos, igualdade, diversidade e respeito mútuo, além de desenvolver habilidades de comunicação e resolução de conflitos. Professores e líderes comunitários podem se envolver no desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção e intervenção da violência escolar. Ao adotar uma abordagem colaborativa e participativa, os projetos de educomunicação e comunicação popular podem ajudar a criar um ambiente escolar mais pacífico e justo, capaz de enfrentar os desafios da violência escolar de maneira sustentável e duradoura.

ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO MUDIÁTICA PARA CONTRIBUIR COM A CULTURA DE CONVIVÊNCIA E PAZ

A educaç3o midiática apoia e reforça a construç3o de uma cultura de paz ao preparar os estudantes para um relacionamento mais cuidadoso com a informaç3o, que passa pela compreens3o de que toda mensagem tem consequências.

A seguir, apresentamos 5 atividades abertas e flexíveis, que podem ser adaptadas para diferentes contextos educacionais, tratando o tema do enfrentamento de desinformaç3o, retórica e atitudes agressivas sob o ponto de vista do entendimento das mídias e da participaç3o dos estudantes no universo da informaç3o.



ATIVIDADE 1: QUEBRANDO A CORRENTE

O que é a atividade?

Identificar boatos e desinformação em circulação na comunidade e agir proativamente para freá-los.

Objetivos de aprendizagem

- Analisar criticamente o consumo de informações.
- Refletir sobre autoria, propósito e confiabilidade das mensagens que recebemos.
- Refletir sobre desinformação e seus impactos.
- Reconhecer a responsabilidade de cada um em quebrar a corrente de desinformação.

Como desenvolvê-la?

Proponha aos estudantes a criação de um mural coletivo em que devem recolher, por pelo menos duas semanas, exemplos dos conteúdos mais compartilhados entre eles próprios ou em outros grupos de mensagens e redes sociais a que pertencem.

Para cada uma das contribuições ao mural, proponha a criação de uma “ficha”, incluindo:

- **Informação principal.** Qual o tema ou assunto abordado?
- **Autoria.** Quem escreveu ou criou o conteúdo é jornalista (ou nome do veículo de comunicação); influenciador ou blogueiro; mensagem sem autoria; outro (qual)?
- **Propósito da mensagem.** A intenção de quem criou a mensagem é informar; convencer; divertir; assustar ou causar pânico; vender algo; enganar; outro (qual)?

Após o levantamento, proponha que a turma se divida em grupos menores para que analisem as mensagens recolhidas e respondam às afirmações abaixo (sim / não / por que); adapte as perguntas e a linguagem segundo a faixa etária e os hábitos de consumo de informações:

1. As mensagens coletadas apresentam majoritariamente informações equilibradas e verificadas?



2. Os autores das mensagens que mais compartilhamos são jornalistas, especialistas ou influenciadores? Isso faz diferença?
3. Os conteúdos em circulação incluem mensagens anônimas? Qual a diferença entre essas e as demais?
4. Os conteúdos que consumo podem ser considerados preconceituosos ou ofensivos para algum grupo? Ou são respeitosos ao se referir a pessoas, grupos da sociedade e instituições?
5. Entre as mensagens mais circuladas, identificamos algum conteúdo falso, impreciso ou não verificável?
6. Eu consumo ou compartilho informações de autoria anônima? Eu consumo ou compartilho boatos ou informações sem a veracidade confirmada?

Finalmente, converse sobre o impacto da circulação de desinformação e boatos e como isso desestabiliza uma comunidade; conduza uma reflexão sobre nossas responsabilidades no ambiente informacional e a possibilidade que temos de quebrar a corrente de desinformação ao não compartilhar conteúdos inverídicos ou inadequados.

(Se necessário, consulte o plano de aula [Muito além das fake news](#), também do EducaMídia, ou o material [Protocolos para avaliar a informação](#))

Áreas do conhecimento

Linguagens e Códigos, Ciências Humanas.

Ciclos

Ensino Fundamental (Anos Finais) e Ensino Médio

Contribuições à cultura de convivência e paz

- Consumo qualificado e responsável de informações.
- Responsabilização frente ao bem-estar coletivo.



ATIVIDADE 2: VALORIZANDO A DIVERSIDADE

O que é a atividade?

Refletir sobre a diversidade e promover a sua valorização por meio da produção de campanhas.

Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer e valorizar a diversidade em nossas comunidades.
- Compreender o papel de cada um enquanto autor de mídias, suas responsabilidades e possibilidades.
- Utilizar redes sociais de forma afirmativa e propositiva, por meio da criação de campanhas de utilidade pública.

Como desenvolvê-la?

Peça aos alunos que observem a diversidade de pessoas no seu entorno (na própria escola, no bairro, na comunidade etc.), incluindo diferentes raças, religiões, nacionalidades, tipos físicos, tipos de família, identidades de gênero, incluindo a neurodiversidade e as PCDs (pessoas com deficiência).

Você pode orientá-los a prestar atenção às seguintes questões:

- Podemos dizer que nossa comunidade valoriza ou exclui as diferenças? Como?
- Como as diferentes experiências e perspectivas enriquecem o nosso conhecimento e fortalecem a nossa comunidade?
- As pessoas recebem as adaptações necessárias para que se sintam acolhidas? Por exemplo, pessoas com deficiência contam com ruas, salas de aula ou outras estruturas adequadas às suas necessidades? O uso dos banheiros atende à diversidade de gênero? Os nomes sociais e pronomes são respeitados? Os materiais didáticos refletem a diversidade de tipos de família?
- Você já notou situações de preconceito (racismo ou outro) em sua comunidade? A comunidade põe em prática ações antirracistas ou anti xenofobia?



- Há relatos frequentes de bullying em sua escola? É possível identificar um perfil de estudante que seja constantemente alvo dessa prática? (Cuidado para não personalizar a conversa, ou seja, não apontar nomes de estudantes específicos).
- Que ações estão ao nosso alcance para que essas pessoas se sintam acolhidas e valorizadas na sua individualidade?

Depois de examinar esses temas, proponha um seminário em que diferentes pessoas são convidadas a falar de suas experiências pessoais com a diferença e a exclusão. Colabore com os estudantes para escolher pessoas dentro e fora da comunidade. Indique aos estudantes como exercitar a empatia, buscando entender a experiência do outro.

Finalmente, peça que os alunos elaborem peças de mídia (pôsteres, murais, posts em redes sociais, podcast etc.) a partir do relato dos entrevistados para provocar uma mudança de atitude na sociedade.

Áreas do conhecimento

Linguagens e Códigos, Ciências Humanas.

Ciclos

Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Contribuições à cultura de convivência e paz

- Responsabilização frente ao bem-estar coletivo.
- Participação ética, inclusiva e fortalecedora nas redes sociais.



ATIVIDADE 3: MINHA INTERNET NÃO É A SUA INTERNET

O que é a atividade?

Análise de resultados de buscas na internet para observar os efeitos da filtragem algorítmica de conteúdos e os chamados “filtros-bolha”.

Objetivos de aprendizagem

- Compreender o papel dos algoritmos na filtragem de conteúdos online.
- Explorar os efeitos da personalização de conteúdos em nossas experiências na internet.
- Compreender a formação de filtros-bolha e seus impactos na diversidade de perspectivas.

Como desenvolvê-la?

- Inicie a aula fazendo perguntas aos estudantes:
- Vocês acham que conseguiríamos ver todo o conteúdo que há na internet?
 - Quando fazemos uma busca ou navegamos pelas redes, quem é que decide que parte desses conteúdos vamos ver? Nós todos estamos vendo as mesmas coisas?

Incentive-os a compartilhar suas experiências e observações.

Apresente o conceito de algoritmos e sua aplicação na filtragem de conteúdos online. Explique como os algoritmos podem criar uma personalização de conteúdos para cada usuário, levando em consideração não só o nosso contexto mas também nosso comportamento anterior na internet.

Divida a turma em grupos pequenos e forneça a cada grupo uma lista de tópicos para pesquisar na internet (por exemplo, “mudanças climáticas”, “teorias da conspiração”, “esportes radicais”, “inteligência artificial”, etc.). Peça aos grupos que pesquisem esses tópicos em seus dispositivos pessoais, observando as previsões e sugestões do buscador, e compartilhem os resultados encontrados. Discuta as diferenças e semelhanças nos resultados de pesquisa entre os grupos.

Explique o conceito de filtros-bolha, destacando como eles podem limitar nossa exposição a perspectivas diferentes e reforçar nossas crenças existentes. Incentive os alunos a refletir sobre como isso pode afetar a forma como interpretamos informações online, e até mesmo a nossa visão da realidade.

(este [glossário interativo do EducaMídia sobre Bolhas informacionais](#) pode apoiar a discussão)

Realize uma discussão em sala de aula sobre as descobertas dos grupos e as reflexões feitas durante a atividade, explorando:

- O que pode acontecer quando pessoas estão vivendo em “realidades” diferentes? Como isso pode estar relacionado a polarização e dificuldade de diálogo?
- O que devemos fazer para ter resultados de buscas melhores?
- Que estratégias pessoais nos ajudariam a diversificar nossas fontes de informação e evitar filtros-bolha?

Áreas do conhecimento

Linguagens e Códigos, Ciências Humanas.

Ciclos

Ensino Médio.

Contribuições à cultura de convivência e paz

- Consumo qualificado e responsável de informações;
- Ampliação dos letramentos para fazer frente a novos fenômenos sociais



ATIVIDADE 4: LIBERDADE COM RESPONSABILIDADE

O que é a atividade?

Reconhecer como o conceito de liberdade de expressão é deturpado por quem produz ou replica mensagens violentas, e compreender a fronteira entre liberdade de expressão e discurso de ódio.

Objetivos de aprendizagem

- Refletir sobre discurso de ódio nas redes sociais.
- Compreender sua responsabilidade no ambiente informacional, como consumidor ou produtor de informações.
- Compreender a dinâmica que rege a circulação das informações, a partir de curtidas e comentários (engajamento).
- Reconhecer retórica violenta e os mecanismos pelos quais obter ajuda contra ameaças ou bullying.

Como desenvolvê-la?

Peça aos alunos que, em grupos, pesquisem em redes sociais os nos grupos de mensagens conteúdos que considerem ofensivos e violentos, como posts e memes. A turma deve analisar também eventuais comentários feitos na publicação, antes de responder:

- Por que você considera esse conteúdo ofensivo?
- Que grupo(s) de pessoas pode(m) ser prejudicado(s) por conteúdos assim?
- O conteúdo incentiva violência contra pessoas ou instituições?
- Pode-se dizer que o autor da mensagem está em seu direito de se expressar? Por quê?
- Em sua avaliação, qual deve ser a fronteira entre liberdade de expressão e discurso de ódio?

Na sequência, promova uma análise do alcance e do engajamento dessas publicações, a partir do número de curtidas, quantidade e teor dos comentários.



No fechamento da atividade, conduza uma reflexão sobre os seguintes temas:

- Que consequências você acha que mensagens excluídas, preconceituosas ou violentas podem ter?
- O que podemos fazer, enquanto comunidade, para proteger quem está sendo vitimado por esse tipo de mensagem?

Finalmente, promova uma discussão sobre o que fazer quando detectamos um conteúdo violento ou ameaçador. A cartilha [Escola Segura](#) do Governo Federal traz as orientações necessárias para jovens, educadores e famílias.

(O [glossário interativo sobre liberdade de expressão](#), também desenvolvido pelo EducaMídia, tem outros recursos que podem auxiliar essa atividade)

Ciclos

Ensino Médio.

Contribuições à cultura de convivência e paz

- Consumo qualificado e responsável de informações.
- Responsabilização frente ao bem-estar coletivo.



ATIVIDADE 5: COMUNICAÇÃO PARA A PAZ

O que é a atividade?

Fortalecimento da capacidade de expressão de crianças e jovens com vistas à criação de espaços permanentes de acolhimento e escuta.

Objetivos de aprendizagem

- Exercer a autoexpressão de forma crítica, responsável e criativa.
- Compreender o papel de cada um enquanto autor de mídias, suas possibilidades e responsabilidades.
- Refletir sobre o poder transformador e inclusivo que a comunicação pode ter.

Como desenvolvê-la?

Divida a turma em grupos e peça que cada um apresente um tema relacionado à promoção da paz na comunidade que gostaria de discutir (como combate ao racismo, bullying, violência doméstica, exposição na internet, entre outros). Organize a exploração dos temas a partir de pesquisa e/ou entrevistas com especialistas nos assuntos e pessoas que os vivenciaram, com o objetivo de criar uma publicação ou série temática, que pode ser um programa de rádio, podcast, blog, jornal da turma, etc.

É importante que você acompanhe os estudantes nesse processo. Detalhar as etapas e o fluxo de produção ajuda a garantir o sucesso da tarefa. Você pode usar a lista abaixo como um guia:

1. Planejamento: o que você quer mostrar e como? Quem será seu público? De que forma você pretende sensibilizá-lo para o tema que você escolheu? Que comportamento você deseja que seu público adote após ter contato com seu conteúdo? Faça rascunhos para explicar sua ideia.

2. Coleta/curadoria: encontre os materiais de que precisa, como textos, imagens, áudios etc. Escolha seu personagem e/ou fonte. Pense se sua fonte de informação tem algo importante a tratar sobre esse tema.



3. Verificação: avalie se os materiais obtidos são confiáveis, com autoria conhecida e evidências claras do que está sendo alegado.

4. Organização: separe os materiais e escolha quais efetivamente farão parte de sua produção; leve em consideração direitos autorais e de imagens, além da relevância do relato das pessoas que você entrevistou. As histórias de vida são marcantes? Ajudam a sensibilizar outras pessoas a conviver pacificamente, respeitando e valorizando as diferenças? Leve essas questões em consideração para fazer suas escolhas.

5. Criação: produza as imagens, textos, áudios ou outros recursos para comunicar sua mensagem, lembrando da importância de narrar histórias que despertem emoção e empatia no seu público.

6. Publicação: apresente sua produção a uma audiência real (dentro ou fora da escola) e busque captar de que maneira sua produção midiática impactou seu público: o que aprenderam de novo sobre respeito e valorização às diferenças ou sobre combate a qualquer tipo de violência?

Áreas do conhecimento

Linguagens e Códigos e Ciências Humanas.

Ciclos

Ensino Fundamental II e Ensino Médio

Contribuições à cultura de convivência e paz

- Participação ética, inclusiva e fortalecedora nas redes sociais.
- Construção de espaços permanentes de autoexpressão e diálogo.



REFERÊNCIAS

GALTUNG, Johan. Violência cultural. Bizkaia: Gernika Gogoratuz, 2003.

NÓS ALDÁS, Eloísa. Repensar e reaprender a comunicação para uma cidadania cosmopolita. In: JALAL, Vahideh R.R. (org.). Estudos para a paz. Aracaju: Editora Criação, 2010, pp. 113-128.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. In: COSTA, Maria Cristina Castilho; CITELLI, Adilson (orgs.). Educomunicação. Construindo uma nova área do conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011, pp. 159-174.

SHNURENKO, Igor; MUROVANA, Tatiana; KUSHCHU, Ibrahim. Artificial Intelligence: Media and Information Literacy, Human Rights and Freedom of Expression. [s.l.] : UNESCO Institute for Information Technologies in Education and TheNextMinds, 2020. Disponível em: <https://iite.unesco.org/publications/artificial-intelligence-media-and-information-literacy-human-rights-and-freedom-of-expression/>.

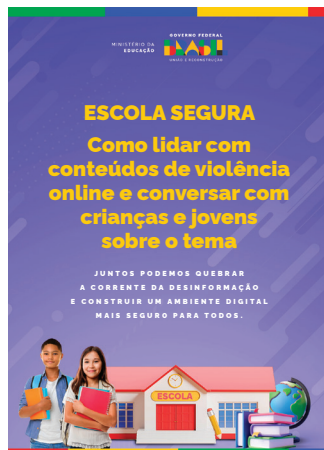
SORJ, Bernardo; NOUJAIM, Alice. Corações e mentes. Pensando de forma autônoma fora e dentro da internet. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, Plataforma Democrática, Fundação FHC, 2020.

The Journal of Media Literacy - Human AI Issue. 2022. Disponível em: <https://ic4ml.org/journal-of-media-literacy/issues/human-ai/>.

VANDYKE, David M. Reimagining Critical Literacy in the Age of the Algorithm. The Journal of Media Literacy, [S. l.], 2022. Disponível em: <https://ic4ml.org/journal-article/reimagining-critical-literacy-in-the-age-of-the-algorithm/>. Acesso em: 16 jul. 2023.

WOLTON, Dominique. É preciso salvar a comunicação. São Paulo: Paulus, 2006.

CONSULTE TAMBÉM



A cartilha [Escola Segura](#), produzida pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública, Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania, Ministério da Educação e Secretaria de Comunicação, em parceria com os especialistas da Safernet e do Instituto Palavra Aberta, é uma referência para jovens, famílias e educadores sobre como lidar com conteúdos ofensivos e violentos online (Brasília, 2023).



5 Contribuições da Educação Midiática à Convivência e à Paz – por Mariana Ochs e Daniela Machado. Editado por Instituto Palavra Aberta, 2023.

EducaMídia é o programa de educação midiática criado pelo Instituto Palavra Aberta, com o apoio do Google.org.

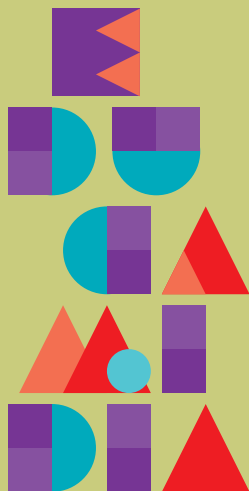
Este material está disponível sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

É permitido compartilhar (copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato) ou adaptar (remixar, transformar, e criar a partir do material) para qualquer fim, desde que seja dado o crédito apropriado, com link para a licença e indicação caso mudanças tenham sido feitas. A utilização com fins comerciais só poderá ser feita mediante autorização do Instituto Palavra Aberta; para maiores informações favor entrar em contato.

Crédito para utilização sem alterações: Este material foi criado por (ou adaptado de) EducaMídia (educamidia.org.br) e está disponível sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

*Usou algum dos nossos materiais? Conte-nos postando nas redes sociais com a hashtag **#istoeeducacaomidiatica** e marcando o **@educamidia**.*

*Saiba mais sobre o projeto e conheça outros recursos em **www.educamidia.org.br**.*



**PROGRAMA
DE EDUCAÇÃO
MIDIÁTICA**

***Instituto
Palavra Aberta***

EducaMídia é um programa criado para capacitar e engajar professores e organizações de ensino no processo de **educação midiática** dos jovens, desenvolvendo seus **potenciais de comunicação** nos diversos meios, a partir das habilidades de **interpretação crítica** das informações, **produção ativa** de conteúdos e **participação responsável** na sociedade.

www.educamidia.org.br